

TRADUÇÕES

UM RITO ORAL URBANO, O RUMOR*

Françoise Reumaux**

Tradução: Eliana Alvarez

The talk itself is an immensely varied provider of properties of status passage.
Glaser et Strauss (1971)

Existe uma palavra da qual Littré (1986) lastimava a mudança (ou rebaixamento segundo sua expressão) do registro moral para o nível material, que é *entregar*. Embora o velho francês lhe reconhecesse o sentido de *tornar livre, pôr em liberdade*, esta acepção desapareceu de uso para privilegiar o sentido material de *entregar em mãos*. Logo, existem expressões conhecidas, como confiar um segredo, ou partilhar confidências, que Littré não menciona e que têm conservado o sentido inicial do termo. Estas expressões nos apresentam o interesse de perceber atos de “*des-ligação*”, mas, também, de associação do segredo às palavras, dos atos que definem um rumor. Este seria, então, primeiro um modo de comunicação que exprimiria um desentrelaçamento de laços e uma forma de liberação social. Laços que podem ser aqueles do silêncio imposto ou acordado, aqueles da censura ou desatenção, ou ainda aqueles aos quais nos liga a sonolenta indiferença dos gestos cotidianos ou das tarefas rotineiras, este intermediário da vida comum, que não é o meio termo do rumor nem o sonho despertado. É o instante na sua brevidade, o reencontro informal e a troca oral que vão fornecer ao rumor os meios

* Un rite oral urbain, la rumeur, *Cahiers de Littérature Orale*, n. 24, Paris, INALCO, 1988, pp. 55-73.

** Université de Paris V.

de reconduzir os espíritos, *hic et nunc*, a fim de responder a um sentimento de nuance, de conflito latente ou de incerteza. Mas o fato interessante, e que nos interrogará aqui, é o caráter extravagante ou excessivo de certas histórias ou “notícias” que ele faz escutar, e que o situam de uma só vez fora do banal e do cotidiano ao que ele pretende, no entanto, reconduzir.

As ocasiões que ele escolhe para se difundir confortam, com efeito, o sentimento que ele possui de uma organização interna própria. Os intervalos, ou momentos de pausa social em que ele circula e, ao mesmo tempo, se constrói, são os que Malinowski chamava de “momentos sociais livres”¹.

Seria possível, por exemplo, informar seus vizinhos, amigos ou parentes sobre o misterioso tráfico que a comunidade chinesa do 13º distrito faz dos seus mortos², durante uma reunião de trabalho ou de uma atividade profissional?

Isto é pouco provável e lembra o que a escola de Palo Alto nos ensinou, que nenhum fato, seja ele efetivo ou narrado, é dissociável do universo do discurso no qual ele se realiza ou se transmite. O paradigma do momento à parte sustentaria, pois, o rumor, e faria disto um transmissor de “notícias”. Estas “notícias”, entretanto, apresentam o duplo caráter de ser da mesma forma um relato fiel de “fatos” no interior de uma história, que tem sua própria autonomia e trabalho de interpretação destes fatos pelos comentários que seguem a história. Haveria, assim, em todo o rumor, dois elementos distintos: 1) um *relato*, que conta a “notícia” expondo-a num contexto, 2) uma *narração* ou comentário suscitado pela “notícia”.

Este segundo elemento, o discurso, depois do acontecido, permite articular ou inserir o relato-notícia à realidade imediata, e de fazer disto, se a ocasião se apresentar, um tema de atualidade. Esta simultaneidade entre relato e narração do boato é talvez a razão pela qual é tão difícil distinguir entre aquilo que eu chamaria de “rumores-fábula”

-
- 1 Nós reencaminhamos, aqui, o texto de Malinowski (citado por Benveniste, 1976, p. 87), que reconhece o quanto é difícil estabelecer, a esses momentos, um caráter definido de situação contextual. Ele levanta, entretanto, essa dificuldade atribuindo valor de contexto aos únicos “acontecimentos lingüísticos” de que são feitos esses momentos. Dizendo de outra forma, a palavra como único referente.
 - 2 Trata-se da seguinte história: um certo indivíduo, cuja identidade nunca foi revelada, percebe, um dia, que a comunidade chinesa parisiense declara poucos mortos em relação à média da população francesa do distrito. No lugar de explicar o fato atípico pela pouca idade da população asiática imigrada, o rumor prefere a versão de um tráfico clandestino dos mortos chineses, via Bélgica ou Holanda, para recuperar seus papéis e fazer entrar novos imigrantes. Ou outra versão: os chineses enterram seus mortos nos subterrâneos nas cavas das torres para evitar as despesas de enterro, ou ainda os fazem queimar na chama viva. Dessa maneira nascem os pequenos Landru.

e “rumores-realistas”. Entendo por realistas os rumores que nascem da fuga de uma fonte confiável e aos quais podem, desta maneira, ser creditados como autênticos. Mas o problema do reconhecimento de uma tal fonte permanece intacto. Isto se colocou ao jornalista que, na véspera da execução de Göring, soube da notícia de seu suicídio, e que renunciou publicá-la porque ele a soubera pelo carcereiro (ver Shibutani, 1966, p. 181). Foi da mesma maneira, avatar inverso, para o *Times* de Londres que publicou em 7 de março de 1968 uma falsa informação, por ter avaliado mal a validade de sua fonte³.

Mas reteremos os primeiros por um lado, em parte porque eles formam no plano do material narrativo um conjunto muito homogêneo que apresenta regras de construção, regularidades, invariâncias, como qualquer outro gênero de produção oral e que importa elucidar e, por outro lado, porque este material, pelas circunstâncias em que ele se manifesta, parece corresponder a algum substituto de um ritual de passagem.

Um ritual oral

Pode parecer paradoxal assimilar um fenômeno tão efêmero e imprevisível como o rumor a um ritual cuja função é responder a situações de mudança ou de passagem *previsíveis*. Mas nós entendemos este termo ritual no sentido goffmaniano, que reconhece a existência de formalizações minúsculas com finalidade ritual nas interações profanas (1967). É o que igualmente reconheceu May Douglas, que lembra que “não há experiência banal demais para ser integrada ao rito e carregada de uma significação que a exceda”. Estas formalizações modestas tomam todo seu sentido com o rumor que é uma operação de pensamento coletivo e que, no momento de uma carência social ou sentimento de descontinuidade, visa redefinir uma situação e estabelecer laços de um novo uso pelo viés das narrativas urbanas. Estas narrativas, que fazem largo uso da simbolização, e que corrigem um mal-estar pela sua circulação e sua repetição, parecem-nos responder a duas modalidades pelas qual Lévi-Strauss definiu o rito, a de “modificar uma situação prática”, e de “designar e descrever uma situação” (1964, p. 343).

3 Citado por C. Julien, “A arte da desinformação”, *Le Monde Diplomatique*, maio de 1987. Tratava-se de uma informação fabricada pelos serviços tchecos e soviéticos, segundo a qual os Estados-Unidos estocavam na Tailândia armas bacteriológicas.

Reconhece-se facilmente, na primeira modalidade, a implicação do pensamento mágico ao qual o rumor faz apelo pelo viés de sua fábula e das modificações perceptíveis que esta provoca. Os casos de percepções orientadas ou de convicções que conduzem a seguir o que Kant chama de “a idéia reguladora” são numerosos nos rumores e eles emergem de uma lei de psicologia social largamente demonstrada. Citemos o caso do boato de Erzurum (*Le Monde*, 5 de março de 1987), que anuncia a abertura de um canteiro de obras na ex-URSS, onde seriam empregados 10.000 trabalhadores turcos. Este rumor leva toda uma população masculina a deslocar-se das regiões vizinhas até a capital para se inscrever na Agência visando ao emprego. A obstinação destes homens que esperam durante dias, de pé em longas filas, desde duas horas da manhã, que chegue sua vez para se inscrever nos registros de “partida”, apesar dos desmentidos oficiais, explica-se pelo contexto de desemprego endêmico há muitos anos. O rumor, respondendo ao desejo imperioso de trabalho, combinou condições surpreendentes (um adiantamento de 9 milhões de libras turcas, seja 75.000 francos franceses), varreu todas as referências realistas.

Na segunda modalidade, reconhece-se a verbalização que caracteriza todo o boato, designar e descrever uma realidade pelos “objetos” indiretos: as mortes dos chineses que fazem entrar outros chineses no distrito parisiense, tido como “saturado” de chineses, o osso do rato no patê imperial, ou a carne de gato no *couscous*, que põe em dúvida o papel nutritivo dos restaurantes exóticos que o público francês (ou outro) se dispõe mal a aceitar⁴.

Em razão de seu tamanho no plano deste artigo, nós não poderemos abordar a análise dos fenômenos, que acompanham a maioria dos boatos, mas, para ilustrar, nós poderíamos retornar a uma expressão de Coleridge, “*the voluntary suspension of incredulity*”, citada por dois pesquisadores americanos (Allport e Postman, 1947) para definir esse tipo de mecanismo, dando-lhe uma forma ligeiramente diferente que seria aquela na qual se organizaria bem mais a suspensão *involuntária* da incredulidade, marcando assim o ponto de vista muito comum destas histórias. Nós sublinharíamos aqui a singularidade dos materiais com os quais os boatos se constroem e que têm uma função reparadora num momento de passagem.

4 Este rumor alimentar volta periodicamente na época das festas de fim de ano nos Países-Baixos, informou-nos um de nossos correspondentes. Brunvand o cita igualmente como uma história propalada na América dos anos 70, mas, nesse caso, ela questiona as cadeias de “*fast-food*” (1981, p. 81) e não os restaurantes mantidos por estrangeiros.

Um catálogo de história e um bestiário

Existiria um repertório de temas e motivos do boato. Esses últimos elementos, móveis e infinitamente adaptáveis, deslocam-se como nos contos, de uma história para outra. Se o motivo do quarto proibido, ou da chave perdida, ou do vestido maravilhoso que se tira ou se veste peça após peça, para ganhar tempo diante da morte, não pertencem somente ao conto de Barba-Azul, ele é, da mesma maneira, motivo para boatos. Assim, o da picada (seringa hipodérmica, serpente, escorpião ou migala) encontra-se em cenários diversos que as variantes, no correr dos anos, poderiam reunir em relatos-modelos. O cenário do rumor de Orléans, que utiliza o motivo da picada, reproduz-se tantas vezes que nós poderíamos classificar todas as histórias urbanas que retomam este cenário numa categoria rumor “tipo-Orléans”⁵.

Mas o motivo da picada não é mais introduzido somente nos cenários que dizem respeito às relações que comerciantes, judeus ou não judeus (como foi o caso em Roubaix, em 1960, em Rouen e Dinan, em 1966, em Charleville, em 1970, em Amsterdam em 1984), mantêm com a sexualidade feminina. Nós o encontraremos, igualmente, nas cenas de rio envolvendo uma criança, em que uma serpente ou um inseto venenoso provocam sua morte. Os atores mudam, as circunstâncias também, criando variantes: aquela de uma víbora alojada no ventre de um porco-rosa de um carrossel ambulante, ou em um cavalo mecânico colocado perto das caixas de um supermercado; aquela do escorpião escondido nas pelúcias da seção de brinquedos de um supermercado ou em uma penca de bananas, etc. A lista nunca terminará. Assim, em 1986, introduziu-se um novo inseto, a migala, raramente arborícola, mas que fez seu ninho, entretanto, na ocasião, numa iúca, planta introduzida na França há mais ou menos vinte anos⁶.

5 Referência obrigatória desde a obra de Edgar Morin (1969), que tem provavelmente contribuído para melhor conhecer certos mecanismos do rumor, mas também para fazer de maneira que este não seja esquecido. A oportunidade de utilizar a reputação como critério de classificação dos rumores permanece, até o momento, como questão aberta.

6 Yves Delange, o conservador das estufas do Museu de História Natural (debate de 15/06/88), como Mme. Kovoov do Laboratório de Zoologia (artrópodes) igualmente no Museu de História Natural (debate de 24/06/88), confirmam que as migalas não fazem seus ninhos na madeira, e sim na terra. Ora, as iúcas entraram na França em contêineres de lenha não em potes (*Libération* de 30/07/86). As migalas não poderiam, então, furar as tocas para depositar seus ovos, como o dito rumor, e ainda mais porque esta espécie transporta seus ovos permanentemente sobre as costas. As aranhas encontradas (alguns reclamantes trouxeram espécimes aos nossos interlocutores) proveriam o horticultor francês que aclimatizou estas plantas há muito tempo. Mas quem sabe se hoje se existe uma aranha

A picada do inseto é atestada há centenas de anos em outros cenários de rumores: o mais antigo é o da tarântula, muito propagado no sul da Itália, e que deu lugar a casos de possessão, os quais E. de Martino demonstrou num livro magistral (1966). E mais próximo de nós, os insetos picadores de uma plantação-manufatura de vestuário do sul dos Estados Unidos estavam igualmente na origem de um caso de histeria coletiva (Kerckhoff, Back e Miller, 1965). Lembremo-nos ainda da epidemia de “picadores” e “picadoras” na Paris dos anos 1820 e 1922 (Gorphe, 1927, citado por Gritti, 1978). Outros motivos parecem específicos do rumor. A morte no carro, em particular, é de uma fecundidade excepcional, visto que é o elemento central de três cenários diferentes, dando lugar, cada um, a um tipo narrativo de rumores muito difundidos. Nós voltaremos a este ponto. O motivo do subterrâneo, ou das cavas, ou de toda forma de passagem secreta pela qual a morte chega, é outro elemento estético e simbólico persistente. O fantasma de Orléans é, desta forma, alimentado por toda uma arquitetura de espaço, muito bem descrita por Claude Fischer (Morin, 1969, p. 226), onde são localizados ou desdobrados em teias os episódios da fábula, o encaminhamento das vítimas e o complô dos comerciantes, que se comunicam entre si pelos subterrâneos. Mas, fato curioso, nós temos encontrado este motivo somente nas situações em que domina um clima dramático intenso como naquele da guerra. Nestes rumores, os inimigos são, então, intoxicados por gases ou queimados por oleodutos sob o mar⁷.

O recôndito, o oculto, o estar aquém, parecem ser figuras freqüentemente utilizadas pelo rumor. Testemunham ainda os animais escondidos em objetos familiares, a mensagem secreta que o soldado americano, prisioneiro de um campo japonês, coloca embaixo do selo de uma carta enviada à sua família, ou naquela que, depois de ter descolado o selo, pode-se ler as palavras: “eles me cortaram a língua”. Outra variante do motivo da carta portadora de sua própria morte, aquela em que uma jovem mulher aceita levar a um endereço desconhecido para ajudar a uma velha senhora, ou um cego, e que contém a condenação à morte do portador, ou a condena à prostituição, ou a

minúscula na França, comum no sul e no litoral Atlântico, tão próxima da viúva-negra (*Latrodectus Mactans*) que é considerada como uma subespécie, e cuja picada é mortal (Hubert, 1979). Vê-se que há, neste caso, adaptação obrigatória da realidade da fauna ao desejo do rumor, que esquece também que certas espécies de migala vivem na França.

7 No caso do boato dos anos 40, que M. Bonaparte chamou o mito dos cadáveres afogados e queimados, o procedimento praticamente ainda não existia. Foi somente 5 anos mais tarde que ele foi elaborado sob a forma de “um aterrador sistema de lança-chamas que poderia (...) pôr fogo no mar por oleodutos submarinos” (p. 125).

servir de carne fresca em período de guerra, etc. A lista dos motivos seria longa, e esta observação tem por objetivo assinalar a existência da organização de um sistema de representação de certos elementos narrativos familiares a esta forma de expressão coletiva oral que é o rumor.

O motivo do cadáver no carro (Bonaparte, 1946) (que pode ser, segundo as épocas, uma diligência, carro puxado a cavalos, charrete) está inserido em numerosas variantes na Europa, e também no tempo. Marie Bonaparte reuniu cerca de trinta versões durante a Segunda Guerra mundial. O cenário-tipo que nós identificamos como tal, por ser o mais difundido, conta a seguinte história: um motorista é obrigado a parar (falta de gasolina, porteira ferroviária ou outras). É a ocasião de iniciar conversa com um passante à beira da estrada (seja uma cigana, uma velha senhora, um lenhador) e de saber a data da morte de um chefe de Estado odiado à época (que fosse Hitler, Mussolini, Metaxas, o ditador grego, segundo os lugares ou outro). E para dar mais ênfase a essa profecia, o passante do encontro assegura ao viajante que ele terá, no fim de sua estrada, um cadáver no seu carro. O motorista parte, mas é barrado na estrada por caçadores que lhe pedem para transportar um ferido ao hospital mais próximo (variantes do episódio). Ao chegar, ele se volta, o ferido está morto.

Ora, existem duas variantes contemporâneas deste episódio, utilizando o pretexto do cadáver no carro, a história da avó roubada e do carona fantasma.

A história da avó roubada⁸ parece não ter ultrapassado os anos 1969 na França: uma avó, levada de férias ao estrangeiro, falece na estrada no caminho de volta. A família decide, para evitar longas formalidades, levar o corpo enrolado num toldo no porta-malas do carro, ou sobre o teto. Durante uma parada para o almoço, ou durante uma parada à noite num hotel, o carro e a avó são roubados.

A outra história é aquela do carona fantasma que há na América, cujas várias e belas versões existem na América reunidas sob o título de *The vanishing Hitchhiker* (Brunvand, 1981, p. 24-42). Ela é conhecida na França em versões simplificadas no nível dos episódios, que são menos numerosos e menos dramáticos. Um homem ou uma mulher (com frequência vestidos de branco) sobe num carro. E, no momento de

8 J. H. Brunvand (1981, p. 112) narra numerosas versões que reúne sob o título de "Runaway Grandmother", nos dois sentidos do termo como a seguir veremos, e que ele assimila à história, igualmente divulgada de boca em boca, de um gato morto num embrulho roubado. V. Campion-Vincent (1976, pp. 219-220) narra também algumas versões francesas desta avó desaparecida, e um dos nossos correspondentes da Caixa de Rumores, uma versão.

fazer uma curva, ou num cruzamento, previne o motorista do perigo. Ultrapassado o local, o motorista quer agradecer seu companheiro de estrada, mas este desaparece no momento em que o carro parou. Variante: um piloto, um ciclone, e o mesmo sumiço do misterioso passageiro em pleno vôo. Vê-se que o cenário do carona poderia ser uma variante em tempo de paz destes rumores de guerra reunidos por Marie Bonaparte (1946).

Uma outra variante ainda do cenário é aquela do monge fantasma carona que aparece em Vendée, em 1982, a tempo de anunciar o fim do mundo, e o rumor seguirá ou o reencontrará em Saint-Fleuve-des-Loups, em Dompierre-sur-Yon, em Rocheservière, em Saint-Florent-des-Bois e em Mareuil-sur-le-Lay (Pogonip, 1983).

Pórem, existem outras: além do tráfico de mulheres brancas, rumor especificamente urbano, os envenenamentos por meios diversos (rato, gato, camundongo, formas atenuadas, vírus, gás, pó branco para o cólera de 1832: Bourdelais e Raulot, 1987), formas duras, o anúncio de acontecimentos apocalípticos, o ressurgimento de temas milenaristas, a aparição de animais selvagens em meio rural, fuga de víboras ou aves de rapina, rumores especificamente rurais, nota-se uma maioria de narrações do tipo paranóico, exprimindo um sentimento de insegurança nos rumores urbanos, e conflitos de território entre o homem e a fauna selvagem, nos rumores rurais.

Do conto ao rumor

Seria interessante se perguntar sobre a presença ou não destes motivos em outros gêneros da tradição oral, e em que ocasiões, que públicos e que finalidades. Esta questão se coloca também para os cenários. Em que outros gêneros pode-se encontrá-lo? V. Champion-Vincent (1976) conta o caso de uma corrente muito interessante a esse respeito, e nós tivemos a sorte de completar um elo adicional. Trata-se de uma narração identificada na tradição impressa com venda ambulante, sob o título de “O desprezo trágico”.

Um jovem rapaz, que partiu para fazer fortuna, volta para casa após uma longa ausência. Seus pais são taberneiros, e ele se hospeda na estalagem como simples viajante, mas seus pais não o reconhecem. Este quiproquó o diverte, e ele deixa para o dia seguinte sua revelação. Ele lhes mostra, entretanto, não sem orgulho, todo o dinheiro e o ouro que ele trouxe de sua viagem. Depois, sobe para dormir. Mas, durante a noite, os taberneiros resolvem matar o rico viajante para roubá-lo. Eles saberão, mais tarde, que o homem que eles mataram era seu filho. Segundo as variantes, o desespero toma forma de loucura, de suicídio, de enforcamento, etc.

V. Champion-Vincent relata que J. P. Seguin, lendo o romance de Albert Camus, *L'étranger*, descobre que o romancista conta uma notícia insólita bem conhecida dele, por tê-la encontrado em muitas ocasiões durante suas pesquisas nos folhetins impressos, e em particular, em 1618 e 1648. Ele saberá do romancista junto ao qual se informa que esse encontrou esta notícia em um jornal da Argélia, alguns anos antes. Depois disso, a história reapareceu em 1972, em Paris, sob uma forma um pouco diferente mas como notícia insólita igualmente. Os jornais da época, tendo constatado, por averiguação posterior, que a notícia era uma fábula, não a divulgaram (à exceção de um cronista do *Monde*). Mas a história continuará circulando sob forma de rumor. Ela é conhecida com o nome de jantar mundano, ou jantar na cidade, em Neuilly. O cenário é invertido no nível dos atores, mas é idêntico nos fatos narrados (V. Champion-Vincent, 1976, p. 221 e 227). Ora, nós encontramos esta história sob a forma de um conto popular, suficientemente comprovado na tradição oral para receber um número que o identifique como um conto tipo n. 939 A, na classificação internacional d'Aarne Thompson, e que leva o título de "Killing the Returned Soldier" (S. Thompson, 1961).

Esta cadeia surpreendente, que faz passar a mesma história através dos tempos, de fatos insólitos em fatos-fábula, depois em rumor ou em conto, marcou evidentemente de maneira diferente a realidade onde ela se fazia ouvir, segundo a forma que ela escolhera para se fazer conhecer. Mas ela não é provavelmente um caso excepcional e isolado. Quem poderá dizer, de hoje em diante, que os rumores são notícias que se improvisam, uma vez que eles sempre existiram? Sua temática revela, em todo caso, um repertório, e nos ensina que existe um bestiário, cujo papel atuante é digno de atenção.

É esta permanência dos temas e a plasticidade dos motivos, sua ubiqüidade, em lugares diversos, ou sua concentração sobre uma mesma área geográfica (Reumaux) que nos parecem testemunhar uma organização ritualizada de maneira inconsciente no discurso do rumor. Pareceria, em definitivo, que este catálogo de histórias corresponde pouco a situações às quais as narrações pretendem, no entanto, responder, a respeito das quais Mauss observava que elas apenas apresentavam um vínculo irreal com a coisa significada (1973, p. 72).

Ao imprevisível social, o rumor responde pelo imprevisível do imaginário e por um deslocamento das perspectivas. O anúncio, mesmo já consumido da morte de uma criança no carrossel ambulante, é carregado da expectativa de sua repetição e instaura um tempo em suspenso, que é ao mesmo tempo controle e derivação do instante. A expectativa, sabe-se, somente se estabelece no interior de uma forma imperfeita e in-

completa. Ela troca, então, neste caso, um presente imediato, que é preciso magicamente modificar ou anular por um futuro ainda não criado. O rumor se dá o direito, assim, a uma atenção desviada da realidade.

Em uma outra ocasião⁹, tínhamos formulado a idéia que o rumor também tinha por função organizar uma cena transitória, oferecendo um espaço e um momento de elaboração coletiva ao afeto e à representação simbolizada. Pode-se pensar que, durante um exorcismo, a verbalização e o desvio do pensamento mágico (cujo deslocamento, condensações ou dramatizações dos discursos do rumor são as marcas identificáveis) evitariam a passagem ao ato. Pois toda a verbalização serve para limitar o fluxo do afeto.

É verdade que rumores célebres na história, o terror de 1789, o rumor do rapto de crianças em 1750 em Paris, os rumores de complôs de fome do século XVIII e os boatos mais contemporâneos foram seguidos de revoltas, de desordens públicas e de violência (Knopf, 1975). Mas nada prova que os acontecimentos específicos não viessem extravasar as palavras do rumor, obrigando-o a renunciar a evitar o conflito pelo pensamento verbal, e adotar uma conduta mais imediata, quer dizer, sem mediação.

Existem situações mais angustiantes que são indutoras de comportamentos violentos. O rumor seria um processo diferente de reação e pertenceria ainda ao mundo do imaginário verbal. É preciso, aliás, notar nos rumores, que uma diferença de registros, na sua relação com a realidade, é fortemente marcada pela passagem de uma história contada a frase breve e contundente como um *slogan*. Quando há um *slogan*, pode-se pensar que ainda há rumor?

Quantos ausentes...

Goffman fazia observar que “quanto mais uma procura é razoável, menos ela requer ritual” (1983). Ora, o rumor do qual nos ocupamos é razoável. Sua realidade assim como sua verdade são indefinidamente adiadas, porque ele se baseia em duas ausências, a do locutor do qual se obtém a notícia, e aquela do “objeto” do qual ele faz menção, jamais apreendido, pois sempre está em representação. Se nós quisermos retomar termos caros aos lingüistas, poderíamos dizer que o rumor é um significado sem significante...

9 Universidade de Paris V - Sorbonne, Seminário de DEA, Antropologia Social e Sociologia Comparada, março de 1987.

e que resta aos divulgadores e/ou receptores reconhecê-lo na realidade. Suas narrações falam de ausentes: a leoa de Creuse, jamais encontrada, nem a pantera de Pornic, nem outras feras por um momento vistas, nem a serpente ou a aranha dotadas de ubiqüidade, ou os camundongos, ou gatos, ou ratos, dados a consumir, nem a carona, mulher de branco, nas aparições periódicas ou intermitentes a Baudrillard, nem o operário morto num tonel de vinho e cujo corpo se multiplica como os peixes da pesca miraculosa¹⁰.

O rumor se inscreve em excesso com relação às narrações habituais. Ele não é nem tagarelice no sentido heideggeriano do termo, que esgota os indícios na confusão e na fugacidade, nem conversa corriqueira da qual Hegel nos deu uma amostra saborosa nessa troca de réplicas em que um negociante, dirigindo-se a uma empregada, comenta nestes termos a situação do momento: “sempre chove quando há feira”, a que, compreensiva, a empregada responde: “e todas as vezes, também, que eu ponho a roupa para secar” (1807, I, p. 266). Esta troca quase tautológica é, ao mesmo tempo, banal e importante. Nesse momento que cada um fala de si ao outro, mas também de si *para* o outro, acha-se a expressão confirmada da reciprocidade de pontos de vista. Uma paz social é, de certa maneira, assim estabelecida em um eco ligeiramente deslocado (o que Hegel chama de “opinião vinda de si”). Uma paz fundada na comunhão de experiências e em um acordo tocante ao valor desta experiência.

No rumor, trata-se de outra coisa. Notícia, previsão ou revelação, ele se distingue de trocas verbais habituais pelo afastamento com que ele significa a banalidade, pela distância que ele toma com relação aos relatos de todos os dias, como aos comportamentos e às experiências costumeiras.

É neste sentido que se pode distingui-lo do mexerico, essa maneira permanente de controle social, que se opõe à periodicidade do rumor ou à sua descontinuidade, e que, contrariamente às fábulas das quais nos ocupamos, interessa-se somente em designar aquele que se desviou das normas do grupo, quer dizer, dos comportamentos *previsíveis*. Nós estamos distantes das extravagâncias que os rumores-fábula fazem circular, que designam o imprevisível e o inverossímil para levá-los ao domínio do plausível. Um outro traço distingue ainda um do outro, a dramatização e a função trágica do rumor, a função não trágica, mas crítica do mexerico, na sua função de denúncia ou maledicência.

10 Não é impossível que um tal rumor tenha nascido de acidente real. Correspondentes nos falaram de vapores exalando das uvas pisadas que poderiam provocar indisposições ou desmaios: um trampolim para uma fábula.

Não há, então, mesmo semelhanças entre os discursos do rumor e aqueles que se trocam de maneira habitual. É talvez uma das razões pelas quais os letrados dos séculos XVII e XVIII definiram o rumor, nos seus dicionários, como “ruído”, noção que se assimila, em toda teoria da informação, ao parasita, que lembra que há sempre escolha para o receptor dos sons ou dos fenômenos retidos e cujo “valor distintivo” que ele lhe atribui é uma questão de posição. O ruído se situa somente pela referência a um dentro e fora, o que nos leva a identificar estes “ruídos”, que são os rumores, como discursos reservados aos iniciados. A prática de rituais sonoros, como a algazarra ou os “barulhos mágicos” dos quais fala Van Gennep (1943, IV, p. 2017), lembram, além disso, que nas sociedades de outrora não se negava ao ruído uma função simbólica e ritual. A dramatização, aliás, que lhe confere verdadeiras encenações de “fatos”, termina por consentir a estes ruídos, a transcendência indispensável que os distingue das palavras e dos discursos comuns.

Comportamentos singulares

Desta maneira, o rumor, relato à parte, é também uma modalidade particular da socialidade. Quando ele se generaliza, ele morre. Como se o mais importante não fosse tanto o objeto da troca, mas a troca por ela mesma (Reumaux, 1986). Com relação a isso, poder-se-ia estabelecer um paralelo com o *potlach*, do qual “uma das condições é o desequilíbrio da hierarquia dos chefes”, dizia M. Mauss (1972, p. 171). Desequilíbrio que o *potlach* tinha por função reparar. Este fato o reaproxima singularmente de situações de instabilidade social em que nascem os rumores.

Pela troca de palavras, que se inscrevem no que M. Maffesoli chama de “matriz vazia” (1985), opera-se a reparação de uma descontinuidade ressentida como ameaçadora.

O rumor nos lembra estes pássaros que, pelos seus pios, e na falta de barreiras odoríferas, delimitam a *continuidade de suas fronteiras* (nós salientamos) (Lavie, 1971).

Poder-se-ia lembrar ainda que, se todas as coisas caem no esquecimento ou se apagam quando elas não são mais proferidas, há também detalhes de lugares, no entanto familiares, aos quais uma simples presença basta para determinar uma presença, assim esta “soleira que perdurava enquanto um mendigo nela ia, que então se rende, e que se perdeu de vista quando de sua morte” (Borges, 1974).

Nós não sabemos se os rumores salvam do esquecimento os lugares por onde passaram, e se eles deixam traços na memória dos homens. Mas eles são, sem sombra de dúvida, uma reativação em novas condições de traços de histórias muito antigas. Estas histórias tiradas de um repertório e trocadas nos interstícios da vida social, são as marcas de uma organização inconscientemente ritualizada que responde a momentos de incerteza social.

Isto coloca a questão de saber como morrem os rumores. Porque todo rito de passagem, que abre um momento particular, fecha-o também num gesto, num ato, numa cerimônia ou com palavras. Se o rumor é realmente o substituto de um ritual de passagem, ele deveria não derrogar a regra.

Nós vemos que, pelo desvio de uma atividade verbal, de um tipo e de uma modalidade particular, o rumor põe em dia “realidades de uma nova espécie” (Freud, 1984). Estas histórias são histórias de morte. Sob figuras diversas, periodicamente renascidas como a fada Mélusine, eles oferecem representações da morte. O espaço uma vez saturado pela multiplicação de interações que constroem o rumor, não daria ele o sinal que o ritual chegou ao fim? Pois toda representação não é mais que um meio de convocar um ausente.

Referências bibliográficas

- Allport, G. e Postman, L. (1947). *The psychology of rumor*. New York, Henry Holt & Co.
- Bonaparte, M. (1946). *Mythes de guerre*. Paris, PUF.
- Borges, J. L. (1974). *Fictions*. Paris, Gallimard.
- Brundvand, J. H. (1981). *The Vanishing Hitch-Hiker*. American Urban Legend and Their Meanings. New York, W.W. Norton and Co.
- Campion-Vincent, V. (1976). “Les histoires exemplaires”, *Contrepoint*, n. 22-23, pp. 217-232.
- Douglas, M. (1971). *De la Souillure. Essai sur les notions de pollution et de tabou*. Paris, Maspéro, 1 ed. inglesa 1967.
- Freud, S. (1984). *Résultats, Idées, Problèmes*. Paris, PUF.
- Goffman, E. (1983). “Felicity’s Condition”, *American Journal of Sociology*, n. 89, pp. 1-53.
- Gritti, J. (1978). *Elle court, elle court la rumeur*. Ottawa, Stanké.

- Hegel, G. F. W. (1807). *Phénoménologie de l'esprit*. Paris, Aubier.
- Kerchoff, A. C.; Back, K. W. e Miller N. (1965). "Sociometric Patterns in Hysterical Contagion", *Sociometry*, n. 2, p. 1.
- Knopf, T. A. (1975). *Rumors, Race and Riots*. New Jersey, Transaction Books.
- Lavie, J.C. (1971). "Notre corps ou le présent d'une illusion", *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, n. 3, Paris, Gallimard.
- Levi-Strauss, C. (1964). *Le cru et le cuit. Mythologiques I*. Paris, Plon.
- Littré, E. (1986). *Pathologies verbales, ou lésions de certains mots dans le cours de l'usage*. Paris, Société des Amis de la Bibliothèque Nationale.
- Maffesoli, Mm. (1985). *La connaissance ordinaire, Précis de Sociologie compréhensive*. Paris, Librairie des Méridiens.
- Martino de, E. (1966). *La terre du remords*. Paris, Gallimard.
- Mauss, M. (1973). *Sociologie et Anthropologie*. Paris, PUF, 1ed. 1950.
- Morin, E. (1969). *La rumeur d'Orléans*. Paris, Seuil.
- Pogonip (1983). *Bulletin de la FADA* (Fondation pour l'Analyse et la Diffusion des Anomalies). Paris, n° 1.
- Reumaux, F. (1986). "Paroles privées sur la place publique", *Sociétés*, n. 10, Paris, Masson.
- Shibutami, T. (1966). *Improvised News. A Sociological Study of Rumor*. New York/Indianápolis, Bobbs-Merrill.
- Thompson, S. (1961). The types of the Folktale, *FF Communications*, n. 75, p. 1, 1844, Helsinki.
- Van Gennep, A. (1943). *Manuel du Folklore français contemporain*. Paris, Picard.